CONTO – A BORDO, RUMO A LISBOA
Releitura de Memórias Póstumas de Brás Cubas

"Éramos onze passageiros, um homem doido, acompanhado pela mulher, dois rapazes, quatro comerciantes e dois escravos. Meu pai pediu que o capitão do navio cuidasse de mim, quer dizer, que me vigiasse. Eu estava contrariado, muito contrariado. Não sei se o capitão desconfiou de alguma coisa, mas eu tinha um plano – o que sei é que o capitão não tirava os olhos de mim."

Devo dizer que meu plano não me saltava dos miolos, e sim do coração, consumido pelas saudades, minha alma em frangalhos. Um oceano me separava de Marcela, e eu punha-me a imaginá-la, talvez, não ressentida, e sim desfalcada tanto de carinho quanto de dinheiro. Cheguei a pensar até mesmo que ela empenharia o colar de rubi ou o pente de diamantes que eu lhe dera, até que eu, estudante medíocre, retornasse. Daí a enfrentar a fúria de meu pai e anunciar o casamento seria um pulo – ah!, a linda Marcela, de flor de laranjeira em punho.

O plano cordial ia se alinhavando dia após dia. Se no primeiro instante eu imaginava o dia da festa, no segundo construía nosso palacete na Rua de Matacavalos, e no terceiro embalava o berço da próxima geração dos Cubas. Entretanto, para que tudo transcorresse da melhor maneira possível e, então eu pudesse amainar os ânimos alterados de meu pai, eu deveria formar-me advogado, com distinção e louvor. Logo eu, acadêmico dos mais medíocres!

Meu pai mandava-me, com sobras, o valor dos códigos e das doutrinas que eu deveria comprar, mas nem sempre eu o fazia. Uma e outra casa de jogos consumiam, com pressa, o dinheiro que ele me enviava pelos correios – os envelopes vinham cheios.

Enfim, a preguiça leva-me a economizar detalhes da execução do plano casamenteiro que tracei ao longo dos cinco anos que eu comparecia, não regularmente, à universidade. Resta-me dizer que cheguei ao Brasil a tempo de ver minha amada mãe morrer. Chorei sobre o corpo dela, beijei-lhes as mãos geladas, ajeitei uma mecha de cabelos em desalinho.

Procurei Marcela nos quatro cantos do velório. Contudo, em vez da linda Marcela, topei com um meninozinho feio, ranhoso, que, às escondidas, veio trazer-me um bilhete. Reconheci, de pronto, a letra da rapariga que, até aquele instante, detinha meus verdes amores. "Brás, dei um mau passo na vida. Não pude te esperar. Vendi as joias e..."

Não concluí a leitura, por dois motivos: primeiro porque meu velho pai se aproximava de mim, e eu não poderia aborrecê-lo aos pés de minha mãe defunta; segundo porque já me falhava a vista, diante de uma letra tão pequena e uma mensagem potencialmente devastadora.

Por Gislaine Buosi